

A CONTRIBUIÇÃO DE CLÍNICAS PARTICULARES PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Antônia Patrícia Feitosa Monteiro

Prof. Ma. Maria Betânia de Castro Nunes Santos

Faculdade Adventista de Minas Gerais

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar de que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar. Como objetivos específicos o trabalho busca investigar como se dá a inclusão de crianças com deficiências no ambiente escolar; compreender o atendimento educacional especializado; investigar o atendimento educacional especializado em clínicas particulares. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico. O grupo responsável por este trabalho buscou conhecer uma clínica particular de Atendimento Educacional Especializado - a Clínica Jennifer Picon, localizada no Lavras Shopping, na cidade de Lavras - MG, especializada em desenvolvimento infantil e intervenção precoce. Como considerações sobre este trabalho é importante chamar a atenção para o cuidado com a inclusão e perceber que muitas vezes essa inclusão necessita de diversos profissionais da saúde. Sendo assim, as clínicas particulares colaboram para o diagnóstico de crianças que frequentam o ambiente educacional e colaboram para a inclusão dos mesmos nos ambientes escolares.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Ambiente escolar. Clínica particular. Educação.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com deficiências no ambiente escolar é reforçada por vários documentos que embasam a legislação vigente e que direcionam e garantem a participação igualitária de sujeitos excluídos da sociedade, seja por alguma deficiência física ou intelectual, cor da pele, orientação sexual, gênero ou classe social dentro da comunidade.

Documentos como a Constituição Federal (1988) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1994), A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

(2009) entre outros, reforçam a inclusão no ambiente escolar. A educação inclusiva que ganhou destaque nos últimos anos trouxe consigo, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que está relacionado à oferta de serviços complementares e não substitutivos, ou seja, a presença do professor em sala para colaborar no ensino dos conteúdos, com métodos que são praticados conforme a faixa etária e a etapa em que o aluno se encontra.

Além do atendimento educacional especializado no ambiente escolar realizado pela professora regente, pelo professor de apoio que atende ao aluno com laudo médico e também pelo atendimento na sala de recursos multifuncionais no recinto escolar, alguns alunos são encaminhados para atendimentos/terapias com profissionais especializados. Infelizmente ainda não se tem políticas públicas que possam atender a todos os estudantes desse grupo. Sendo assim, muitas famílias buscam esse atendimento em clínicas particulares especializadas.

O atendimento educacional especializado em clínicas particulares pode colaborar na inclusão de alunos com deficiência, eliminando obstáculos para uma participação efetiva dos mesmos em ambientes escolares considerando suas necessidades específicas. É importante ressaltar que o AEE nessas clínicas não se destina apenas para crianças com deficiências e transtorno do espectro autista, mas também para crianças com altas habilidades.

Diante do exposto, este trabalho traz como problema de pesquisa: “De que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar”? O objetivo geral foi analisar de que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar. Como objetivos específicos este trabalho buscou: Investigar como se dá a inclusão de crianças com deficiências no ambiente escolar; compreender o atendimento educacional especializado; investigar o atendimento educacional especializado em clínicas particulares.

A metodologia utilizada neste artigo constou de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com o objetivo de uma pesquisa descritiva e procedimento bibliográfico. O grupo participante deste trabalho buscou conhecer e observar atendimentos em uma clínica particular de

Atendimento Educacional Especializado - a Clínica Jennifer Picon, localizada no Lavras Shopping, na cidade de Lavras – MG, especializada em desenvolvimento infantil e intervenção precoce. Este trabalho faz parte do Projeto Integrador do Curso de Pedagogia da FADMINAS, onde os estudantes escolhem um tema para ser apresentado para os pares que estão no curso de Pedagogia.

Este artigo apresenta referencial teórico subdividido em três tópicos: A inclusão de crianças com deficiências no ambiente escolar; O Atendimento Educacional Especializado (AEE); O atendimento educacional especializado (AEE) em laudo clínicos particulares. Em seguida, apresenta a metodologia, análises e discussão, e por último, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A inclusão de crianças com deficiências no ambiente escolar

Como previsto no Artigo 208 – Inciso I e III da Constituição Federal apresenta deliberações que devem orientar a educação inclusiva no país (BRASIL, 1988):

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

- I. Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II. III. Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 reforça em seu artigo 4º - Inciso III que diz: “é dever do Estado garantir o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Reforçando os documentos acima citados, a inclusão se dá por meio de ações que direcionam e garantem a participação igualitária de sujeitos excluídos da sociedade, seja por alguma

deficiência física ou intelectual, cor da pele, orientação sexual, gênero ou classe social dentro da comunidade. O objetivo dessas condutas é possibilitar que todos os cidadãos tenham oportunidades de acesso a serviços oferecidos pelo governo, como saúde, educação, emprego, lazer, cultura, entre outros.

O termo educação inclusivo começou a se popularizar somente nos anos de 1988 devido a aprovação da Constituição Federal e da LDB de 1996. A inclusão no ambiente escolar ainda vem gerando muitas problematizações envolvendo questões estruturais e também a capacitação/formação profissional docente.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva aprovada pelo Decreto nº 6949, de 25 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009) reforça a importância da inclusão no ambiente escolar, pois é por meio desta que se pode oferecer uma educação de qualidade a todos, sem discriminação, possibilitando o convívio social, promovendo o respeito para/com o outro, incentivando a cooperação e o trabalho em equipe. Além disso, este documento normativo é um norteador para as instituições educativas, dando-as a oportunidade de criar espaços cada vez mais inclusivos, a fim de fazer com que as crianças da Educação Especial se sintam parte da sociedade.

É possível perceber a dificuldade das escolas e dos profissionais em concretizar as demandas de uma educação inclusiva no âmbito escolar. Por vezes, os alunos com deficiência são excluídos, pois as escolas muitas vezes não estão preparadas para recebê-los. Esse fato se deve à falta de profissionais capacitados, à escassez de materiais didáticos, à falta de salas de recursos para melhor atendê-los. Mantoan (2015, p.68) vem de encontro a essas afirmações e relata que: “Cabe à escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos”.

Dessa maneira, a escola que cumpre as leis que asseguram a prática de inclusão estará provando para a sociedade que há uma preocupação com a formação de seus alunos, além do comprometimento de torná-los conscientes da importância do respeito ao próximo e principalmente a importância do respeito às diferenças.

A inclusão de crianças com deficiência no ambiente escolar não é simplesmente colocar a criança dentro de sala de aula, para conviver com as outras como a maioria das pessoas pensam. Muito pelo contrário. Para Mantoan (2015, p.24) “a meta da inclusão escolar é transformar as escolas, de modo que se tornem espaço de formação e de ensino de qualidade para todos os alunos”.

Envolver os alunos nas aulas e nas atividades propostas é permitir que desenvolvam trabalhos em grupo criando um ambiente de cooperação e respeito. É utilizar múltiplos recursos, principalmente as tecnologias, tornando as aulas mais atrativas, além de colaborar para o desenvolvimento de suas habilidades e a estimulação dos sentidos. Esse é o desafio do professor do atendimento educacional especializado e da escola inclusiva.

2.2 O Atendimento Educacional Especializado (AEE)

Como citado anteriormente, um dos direitos básicos estabelecidos pela Constituição Federal (BRASIL,1988) é o direito à educação, que tem como finalidade preparar o cidadão para o futuro e para conviver em sociedade, tornando-os aptos a participar ativamente na produção de uma coletividade onde vigora o equilíbrio, a liberdade e a solidariedade. Para isso, nenhum cidadão deve ser excluído.

A educação passou por diversas transformações ao longo dos tempos, assim como a educação especial. Esta última objetiva que o aluno, independente da sua necessidade, seja atendido completamente recebendo uma educação de qualidade que traga à tona suas capacidades e o prepare para viver em sociedade.

A educação inclusiva que ganhou destaque nos últimos anos ainda percorre um caminho longo para sua introdução, pois não se trata de um assunto simples e consensual. Isso ocorre devido aos seus inúmeros conceitos e interpretações adotados conforme as perspectivas e características de cada pessoa.

Para alguns se trata de um sonho, sua efetivação é impossível. Para outros, sua concretização seria o correto, porém difícil de ser alcançada, levando em consideração a escola e a realidade dos alunos a serem incluídos (BAIA, 2015).

Nesse sentido, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) vem para colaborar na implementação de uma educação inclusiva e é definido como um:

conjunto de atividades e recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, [...] complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, [...] e suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011).

Importante perceber que o AEE está relacionado à oferta de serviços complementares e não substitutivos, ou seja, a presença do professor em sala para colaborar no ensino dos conteúdos, com métodos que são praticados conforme a faixa etária e a etapa em que o aluno se encontra.

A base do AEE é a saída do ensino tradicional e criação de metodologias que englobem a todos os envolvidos no processo de aprendizagem conhecer, criar e estruturar recursos pedagógicos que sejam capazes de eliminar os obstáculos e proporcionar a participação ativa dos alunos, levando em consideração suas demandas individuais. As ações executadas nesse tipo de atendimento são diferentes das praticadas na sala de aula regular, porém não devem ser compreendidas como substitutas da escolarização (DAMÁZIO, 2018).

Na escola é responsabilidade do professor do AEE articular para assegurar uma dinâmica que promova a inclusão dos alunos da educação especial. Sendo assim, ele deverá procurar por um trabalho multidisciplinar, contando com o auxílio de profissionais que possam atender as demandas dos alunos especiais, tais como psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, já que a avaliação da aprendizagem, o histórico familiar e a união de diversos profissionais é o que identificará o que o aluno conseguiu construir ao longo de sua trajetória nas dimensões investigadas (SOUZA; DAMÁZIO, 2019).

Os debates quanto à inclusão de pessoas com deficiência têm sido favoráveis, não somente no âmbito escolar, mas em diversas áreas da sociedade. Apesar disso, esses cidadãos ainda têm sido estigmatizados e sofrem preconceito apenas por não serem “iguais” aos demais. Torna-se evidente que as conquistas maiores quanto aos direitos destas pessoas ocorrem mais no que se refere à criação de leis e normas do que na efetivação de atividades que favoreçam a verdadeira introdução destes indivíduos na sociedade.

Apesar de muito se falar em educação inclusiva, a formação dos professores de ensino regular ainda não tem a verdadeira visão do que seja essa necessidade, o que interfere diretamente no trabalho dos profissionais do AEE e compromete o ensino dos alunos com deficiências. Importante destacar que o professor da sala de aula é responsável por ensinar os conteúdos do conhecimento, enquanto o professor de AEE complementa esse ensinamento com recursos que extraíam barreiras e transformem o aluno com deficiência em um verdadeiro aprendiz (ARAÚJO et al., 2019).

Um ensino para todos os alunos é caracterizado pela sua qualidade. Fazer com que isso ocorra tornou-se um desafio que deve ser abraçado por todos os envolvidos em um sistema educacional. Um ensino de qualidade deriva de ações de professores, gestores, especialistas, pais e alunos e demais profissionais que integram a educação por meio de uma proposta única para todas as escolas e que, simultaneamente, é produzida por cada uma delas, conforme suas características. Assegurar acesso, participação e aprendizagem para todos os alunos nas escolas são reflexões que auxiliam na produção de uma nova cultura que valorize as distinções.

2.3 O atendimento educacional especializado (AEE) em clínicas particulares

Além do atendimento educacional especializado no ambiente escolar realizado pela professora regente, pelo professor de apoio que atende ao aluno com laudo médico e também pelo atendimento na sala de recursos multifuncionais no recinto escolar, alguns alunos são encaminhados para atendimentos/terapias com profissionais especializados. Infelizmente ainda não se tem políticas públicas que possam atender a todos os estudantes deste grupo.

Sendo assim, muitas famílias buscam esse atendimento em clínicas particulares especializadas.

O atendimento educacional especializado em clínicas particulares pode colaborar na inclusão de alunos com deficiência, eliminando obstáculos para uma participação efetiva dos mesmos em ambientes escolares considerando suas necessidades específicas. É importante ressaltar que o AEE nessas clínicas não se destina apenas para crianças com deficiências e transtorno do espectro autista, mas também para crianças com altas habilidades.

Partindo do pressuposto de que nenhuma criança ou jovem com deficiência deve estar fora da escola, o serviço especializado desenvolvido por um especialista juntamente com a escola pode colaborar para seu desenvolvimento. Essa parceria se faz necessária, pois:

Um erro comum ao usar a ideia de um programa diário visual individual, é fazê-la conter somente atividades enfadonhas que os alunos já conhecem, sempre apresentadas na mesma ordem. Assim a ideia perde sua função para a pessoa envolvida. Temos de pensar no que poderia ser interessante para ele, de forma que os conteúdos do dia sejam um acordo entre as coisas que julgamos que ele precisa fazer e coisas que ele prefere fazer (NILSSON, 2014, p. 57).

Sendo assim, cabe a um profissional especializado considerar as particularidades de cada estudante e fazer adaptações de acordo com a realidade e com o diagnóstico realizado. Esse atendimento é feito geralmente por pedagogos, psicopedagogos e neuropsicopedagogos. Para esse estudo, as alunas responsáveis por este artigo realizaram a observação em uma clínica particular que tem como referência Análise do Comportamento Aplicada, conhecida como ABA (Applied Behavior Analysis).

A ABA tem origem do campo de Behaviorismo, nos estudos Skinner, e é conhecida como uma ciência que “observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem” (LEAR, 2004, p.4). A análise do comportamento aplicada, ou ABA é uma abordagem da psicologia que é usada para a compreensão do comportamento e vem

sendo amplamente utilizada no atendimento a pessoas com desenvolvimento atípico, como os transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs). (Lear, K., 2004)

Trata-se do uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Envolvendo uma série de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos (ANDERSON, 2007, p.10).

Segundo Meyer (2003), um dos princípios básicos da metodologia ABA é que um comportamento é determinado por qualquer ação que pode ser observada e contada, tendo sempre uma frequência e uma duração. Para a autora, este comportamento pode ser explicado pela identificação do que antecedeu e das possíveis consequências deste. Ou seja, é a identificação das relações entre os eventos ambientais e as ações do organismo. Nesse contexto, estes comportamentos são motivados, de forma prazerosa.

As intervenções baseadas em ABA têm sido apontadas na literatura como efetivas para produzir mudanças de comportamento e desenvolver repertórios especialmente em populações com Transtorno do Espectro Autista (TEA), outros transtornos do desenvolvimento e/ou déficit intelectual (e.g., Howard, Sparkman, Cohen, Green, & Stanislaw, 2005).

Dentro dessa perspectiva, entende-se que o método ABA pode intencionalmente ensinar a criança a exibir comportamentos mais adequados no lugar dos comportamentos ruins, ou ditos, problemas. Comportamentos estão relacionados a eventos ou estímulos que os precedem, que são os antecedentes e a sua probabilidade de ocorrência futura está relacionada às consequências que os seguem.

MÉTODO DA PESQUISA

Ao analisar os problemas e desafios, percebe-se que ainda existe em nosso meio, dificuldades enfrentadas pelos alunos da Educação Especial. Cabe ao Estado, à sociedade, às famílias e à Escola unir forças para atender a esse público pensando sempre na inclusão. Para isso é

necessário analisar as possibilidades e as capacidades de cada sujeito, para assim, apoiá-lo em suas necessidades cotidianas.

Além da escola que busca implementar uma educação inclusiva, os alunos da educação especial necessitam de outros profissionais que possam colaborar para essa inclusão na sociedade e também na aprendizagem. Diante do exposto, esta pesquisa busca analisar de que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que de acordo com Minayo (1994), é utilizada para responder assuntos relacionados a realidade, fazendo questionamentos que serão discutidos no decorrer da investigação. Portanto, o artigo responder ao problema de pesquisa a fim de colaborar para a diminuição da ocorrência de exclusão de crianças com deficiência, buscando construir uma sociedade mais igualitária, inclusiva e que preza pelo respeito às diferenças.

Utilizou-se a pesquisa descritiva que segundo Gil (1999), “visa identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso, é o tipo mais complexo e delicado”. Dessa maneira, o procedimento utilizado para a realização da pesquisa foi bibliográfico, analisando as perspectivas de documentos normativos, além de sites, google acadêmico e autores que abordam diretamente o assunto investigado.

Este trabalho faz parte do Projeto Integrador do Curso de Pedagogia da FADMINAS, onde os estudantes escolhem um tema, realizam uma atividade prática e finaliza com a escrita de um artigo. Todo esse trabalho será apresentado para os pares que estão no curso de Pedagogia. O grupo participante deste trabalho buscou conhecer uma clínica particular de Atendimento Educacional Especializado - a Clínica Jennifer Picon, localizada no Lavras Shopping, na cidade de Lavras - MG.

A professora responsável pelo grupo de alunas entrou em contato com a responsável pela Clínica e marcou uma reunião. Nessa reunião ficou combinado que as estudantes fariam uma visita de observação a respeito do trabalho desenvolvido nesse espaço.

Para as visitas, o grupo de seis alunas foi dividido em duplas e as visitas aconteceram nos dias 27, 29 e 30 de setembro de 2022, de 8h às 12h. Durante as visitas, além das observações dos

atendimentos, as alunas fizeram anotações que serviram para análise e discussão. Por se tratar de um atendimento especializado, as alunas não realizaram atividade prática.

As observações servirão para análise e discussões do tema. Para preservar as alunas que fizeram as observações, elas serão nomeadas pelas letras A, B, C, D, E e F.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

As observações dos atendimentos aconteceram na Clínica Jennifer Picon, situada no Lavras Shopping, na cidade de Lavras – MG, especializada em desenvolvimento infantil e intervenção precoce.

Escala para visita à Clínica ocorreu da seguinte forma: Dia 27/9/22 – terça-feira: Alunas A e E; Dia 29/9/22 – quinta-feira: Alunas B e C; Dia 30/9/22 – sexta-feira: Alunas D e F.

Para nortear as observações, a orientadora solicitou que as alunas respondessem a uma lista de perguntas para facilitar a análise e as discussões dos resultados: Como é a equipe da clínica? Como você foi recebida na clínica? Como as crianças são recebidas pelos profissionais da clínica? Como é a participação da família nesse atendimento? Quais foram as atividades observadas por você? As crianças que vocês observaram precisavam da terapia, por quê?

De posse desses relatos pode-se afirmar a equipe é composta por profissionais atenciosos e qualificados, que trabalham em conjunto.

Com relação à receptividade, as alunas foram unânimes em dizer que foram recebidas com carinho e atenção.

Fui muito bem recebida pela recepcionista e pelos profissionais da clínica. Todos muito atenciosos, dispostos a nos ajudar e a tirar nossas dúvidas. Me senti em casa. (Aluna A)

Percebi que a clínica oferece um atendimento especializado, cada especialista tem sua forma de trabalhar, as salas são adequadas para as crianças, com brinquedos adequados e tudo é bem-organizado. (Aluna D)

O período que ficamos observando foi muito proveitoso, uma experiência incrível, contribuiu muito para meu crescimento pessoal e profissional. A clínica é maravilhosa, os profissionais nem se fala. São muito atenciosos e prestativos, fazendo com que nos desperte o interesse de fazer parte da equipe e despertando também a vontade de trabalhar nessa área. (Aluna E)

Além da atenção e carinho, as crianças são recebidas pelos profissionais da clínica da seguinte forma:

Quando as crianças chegam na clínica para serem atendidas, os pais entram até a recepção, a secretária recebe as crianças e os (as) terapeutas convidam as crianças para entrarem em sua sala para darem início a sessão, de acordo com seu horário e com o profissional especializado. (Aluna A)

No que diz respeito à participação da família nos atendimentos, aguardam o atendimento na recepção ou buscam após o término do atendimento. Percebeu-se compromisso e preocupação das famílias com o desenvolvimento dos seus filhos, pois estão atentas e presentes (SOUZA; DAMÁZIO, 2019).

A família fica a par de tudo o que acontece, como foi o atendimento aquele dia, como está a evolução da criança. Eles conversam sempre no final da consulta. (Aluna C)

A família apoia muito seus filhos em relação ao atendimento educacional especializado, os familiares são presentes se preocupam com o bem-estar de seus filhos, e isso é extremamente importante porque incentiva a criança a se desenvolver melhor tanto na aprendizagem quanto na adaptação. (Aluna D)

As atividades desenvolvidas com os alunos e observadas pelas alunas foram (BRASIL, 2011); (MANTOAN, 2015, p.24):

Interação, contato visual, atenção e concentração, resistência, coordenações motoras fina e grossa, oralidade, leitura, relações físicas, noções de espaço, percepção de opostos e analogias, grafema e fonema, criatividade, interpretação, imaginação, raciocínio, memorização, pareamento etc. (Aluna A)

A criança saber ser receptiva, entender as emoções, jogo de sequência de cores, jogo das emoções. (Aluna C)

Confecção de brinquedo, recorte de papel, contação de história. (Aluna D)

Participei de uma consulta (...) achei bastante lúdico, interessante, não imaginava que trabalhava assim com essas crianças. Eles vão contando histórias, criando histórias, colocando situações problemas, onde o aluno tem que resolver esse problema, pensa como vai resolver, ensina o aluno a controlar as emoções, ensina também a conversar com as pessoas, ou seja, aprender a comunicar da forma

correta (...) Achei muito interessante que nas histórias eles sempre tem códigos presentes que inclui os numerais de 1 ao 10 e o alfabeto. O aluno atendido tem muita dificuldade de controlar suas emoções, então eles vêm trabalhando nisso com ele, em forma lúdica. Tive o prazer de conversar com os pais sobre a respeito do filho, e eles estão bastante satisfeitos com o resultado. (Aluna C)

A Aluna F registrou que a clínica desenvolve a terapia ABA – Análise do comportamento aplicada (LEAR, 2004, p.4). *“Apreendi que nenhuma deficiência pode parar um ser, simplesmente precisa de alguém que o direcione”.* (Aluna F).

Um questionamento a ser observado foi entender/perceber por que as crianças precisavam das terapias. Mesmo ainda não tendo conhecimento/formação, as alunas perceberam que as terapias colaboram para o desenvolvimento, a consolidação das habilidades, para aprenderem a lidar com as emoções e também para ajudar crianças que tem autismo.

Essas crianças precisam realmente desse atendimento, elas precisam de acolhimento, cuidados, e proteção, cada um tem suas dificuldades em aprender e entender as coisas, por isso precisam de apoio, atenção, e um olhar diferenciado não só dos profissionais mais também dos familiares. (Aluna D)

Para responder ao problema de pesquisa “de que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar?”, observou-se que:

Observa-se o quanto as parcerias das clínicas de intervenção com as escolas são importantes. O atendimento que é feito com a ajuda dos profissionais terapêuticos comportamentais e psicológicos é muito mais fácil lidar com as crianças nas escolas e principalmente na sala de aula, pois estas equipes são especialistas e podem muito bem direcionar o apoio pedagógico da instituição em que a criança está inserida. (Aluna E)

O Atendimento Educacional Especializado na clínica particular é a ponte no processo de construção de um ambiente educacional inclusivo. (Aluna A)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva traz a valorização da diversidade como um fator que enriquece toda a educação colaborando para que haja uma mudança de paradigmas tanto dos profissionais da educação como das escolas. As estratégias e mudanças na reestruturação dos ambientes escolares para que aconteça a inclusão de todos os alunos com necessidades especiais é de extrema importância e urgência.

Tendo como tema central “A contribuição de uma clínica particular para a inclusão de crianças no ambiente escolar”, o presente artigo buscou responder de que forma o atendimento educacional especializado em uma clínica particular pode colaborar para a inclusão de crianças no ambiente escolar.

Sabe-se que é dever do Estado garantir uma educação que inclua todas as crianças com deficiência física ou intelectual, independentemente de sua raça, gênero ou classe social no ambiente educacional. Desse modo, mesmo havendo essa bandeira de acolhimento, percebe-se que a inclusão ainda não acontece de forma efetiva por não haver um preparo ou mesmo um suporte de uma equipe multidisciplinar como professores, psicólogos, assistente sociais e médicos dentro da escola.

Portanto, presente artigo teve como foco chamar atenção para o cuidado com inclusão e perceber que muitas vezes essa inclusão necessita de diversos profissionais da saúde. Sendo assim, as clínicas particulares colaboram para o diagnóstico de crianças que frequentam o ambiente educacional.

Nesta perspectiva, essas clínicas particulares trabalham o acolhimento e o tratamento de crianças que necessitam de terapias que colaboram para sua inclusão, tanto na escola quanto na sociedade. Elas surgem como suporte para a realização de diagnóstico e terapias. Uma das teorias dentro do campo da Psicologia, mais conhecida como “Análise do comportamento”, tem sido relevante para situar as práticas de tratamento e melhorias nos pacientes com algum tipo de transtorno.

Na visita de observações à Clínica Jennifer Picon observou-se um ambiente atrativo para a criança, onde se preza pelo foco na atenção e na aprendizagem das crianças motivando-as sempre atividades que buscam colaborar para o desenvolvimento das crianças em todos os sentidos. Professores e profissionais da clínica demonstraram um bom convívio com as crianças, fazendo com que interajam em todas as atividades propostas. O desafio é grande, afinal, não existem respostas e nem forma prontas, mas, é preciso arriscar, nos adiantar e as vezes até voltar a traz para analisar o que já foi feito. A proposta inicial é de ensinar e aprimorar a comunicação, leitura e escrita para os alunos com deficiência.

Atualmente, com profissionais de área auxiliando professores e equipe pedagógica tem-se um pouco mais de segurança ao desenvolver métodos de trabalho com os alunos que apresentam graus de compreensão e forma de aprender. Por fim, o artigo apresenta uma realidade desafiadora quando se fala em educação inclusiva e que ainda muito a caminhar. É importante frisar que a inclusão não se faz apenas com a convivência dos alunos na sala de aula, mas é necessário também, com a inserção real dos alunos em todas as etapas, fazendo com que eles participem ativamente do processo educacional e sejam preparados para a vida.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, M. **Tales from the table**: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum. Pentonville: Road London, 2007. IN: A importância e os desafios do método ABA para a inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/12/a-importancia-e-os-desafios-do-metodo-aba-para-a-inclusao-de-criancas-autistas-na-rede-regular-de-ensino> . Acesso em: 25 nov. 2022.

ARAÚJO, I. M. S. et al. **Atendimento educacional especializado e o ensino regular**: interlocuções docentes com vistas à inclusão. RPGE - Revista on line de Política e Gestão Educacional, v. 23, n. 2, p. 441-452, 2019.

BAIA, I. F. **O atendimento educacional especializado e as práticas educativas na perspectiva da inclusão na escola Maria Rafols de Breves-PA**. Monografias Brasil Escola, 2015. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-atendimento-educacional-especializado-as-praticas-educativas-na-perspectiva-da-inclusao.htm> Acesso em: 14 nov. 2022.

BRASIL. **Decreto n. 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.611%2C%20DE%2017,especializado%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 14 nov. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

DAMÁZIO, M. F. M. **Metodologia do serviço do atendimento educacional especializado em uma perspectiva inclusiva na escola regular**. RPGE - Revista on line de Política e Gestão Educacional, v. 22, n. 2, p. 840-855, 2018.

Howard, J. S., Sparkman, C. S., Cohen, H. G., Green, G., & Stanislaw, H. (2005). **A comparison of intensive behavior analytic and eclectic treatments for young children with autism**. Research in Developmental Disabilities, 26, 359-383. In: Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482016000100008. Acesso em: 25 nov. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

LEAR, Kathy. **Ajude-nos a Aprender**. (Help us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA Part 1: Training Manual). Trad. por Windholz, M.H.; Vatauvuk, M.C.; Dias, I. S.; Garcia Filho, A.P. e Esmeraldo, 2.ed. Toronto Canadá, 2004. Disponível em: <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wpcontent/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglêr. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Ed. Summus, 2015.

MEYER, S. B. **Análise funcional do comportamento**. In: COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT'ANNA, Heloísa H. N. (Orgs.) Primeiros passos em análise do comportamento e cognição. v. 1. Santo André: Esetec, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: . (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

Nilsson, I. (2014). **Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem**. Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo. <http://www.ama.org.br/download/Autismo-IntrodEducEspecial>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. BRASIL. Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009.

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. BRASIL. Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009.

SOUZA, M. F. de; DAMÁZIO, M. F. M. **Professor do atendimento educacional especializado na escola comum e as práticas metodológicas inclusivas.** RPGE – Revista on line de Política e Gestão Educacional, v. 23, n. 1, p. 897-913, out. 2019.